

Os frades do Convento do Varatojo fotografados por Nuno Moura

EDUARD FRANCISCO
FOTOGRAFIA/AGENCIAS/GETTY

"Uma grande herança do passado, mas também um grande sinal do futuro", assim é para Dom Manuel Clemente a mensagem contida em «Nomen», o livro de fotografia de Nuno Moura sobre os frades do Convento do Varatojo. A obra foi apresentada pelo cardeal-patriarca de Lisboa no passado dia 30 de setembro, no refeitório do convento, na qual se constituiu como uma oportunidade rara de entrar num espaço reservado apenas aos frades varatojeiros.

A prelo e branco, Nuno Moura captou "o enorme profundidade das coisas que existem neste espaço desde o século XIV e que vão muito para além do aparente imediato delas", refere Dom Manuel Clemente. "É de certa maneira, até podemos dizer que o sucesso das grandes ocasiões destas coisas fica muito bem retratado neste livro e escuro", sublinhou o patriarca.

Dom Manuel Clemente aludiu ao período de "grande austeridade" que se seguiu à morte do convento em 1470, por iniciativa de Dom Afonso V, até ao "tempo de esplendor, quase apogeu até lá deste caso", quando o convento foi confiscado pelo Governo liberal. Disse o patriarca que aquele espaço voltou a iluminar-se quando em 1869 retornou à mão dos franciscanos e se deu depois a grande expansão missionária no final do século XIX, com os primeiros franciscanos a partirem para Moçambique. Até que em 1910 se apagou para reaparecer em 1918 e até aos nossos dias.

«Nomen» é um livro de mensagem para se ler, vendo, segundo o padre Vitor Meliães, ministro provincial da Ordem dos Frades Menores e membro da comunidade franciscana do Varatojo desde há poucos dias. É o padre Vitor Meliães quem assina o prefácio da obra e aquele que foi, nos palavras do autor, o grande impulsionador da criação de um livro, decidindo-se ficar para trás a ideia de um simples projeto fotográfico.

Foram precisos quase três anos até que o fotógrafo e o consultor despois Nuno Moura conseguisse entrar no convento. "Levei muito tempo a entrar", recorda o autor, que procurava algo de novo que uma autorização para dispor a sua máquina. "Foiu temerá boas fotos, fala com o diretor, é preciso um trabalho prévio, temas que criar



O livro foi apresentado por Dom Manuel Clemente num espaço reservado aos frades

lacos, construir afinidades e desenvolver espaços com as pessoas", e foi isso que procurou fazer numa altura única, em que o convento acolhia noviços de Moçambique, Timor Leste e Portugal. Durante cerca de um ano e meio Nuno Moura conviveu com vários jovens aspirantes a monges, sentou-se à mesa com eles e participou nas suas atividades. "Levei muito tempo a ser aceite, mas a determinação aliana já me convencevam para apoiar com eles e participar nas suas atividades dadas", recorda o fotógrafo.

Sendido-se acolhido à boa maneira franciscana, o autor revela ter encontrado "um grupo de rapazes perfeitamente nutridos, que estavam aqui à procura de respostas para o vida deles, com uma maturidade, um nível intelectual e uma capacidade de fazer perguntas a eles próprios sem nenhum tipo de preconceção, muitíssimo fora do vulgar".

Sem querer dizer muito mais sobre o livro, "porque isto é o que eu queria dizer está lá", Nuno Moura pede "que o deslitem com tempo e silêncio". Ressalta no entanto o "carrosse fabuloso e que me fascinou a tempo todo, de energia atávica num convento medieval, europeu e árabe".

Nuno Moura nasceu em Lisboa em 1961 e mora em Torres Vedras. Em pequeno sonhava ser fotógrafo de guerra, mas só nos últimos 10 anos a fotografia passou a ocupar um lugar de relevo na sua vida. Embora não exerça o jornalismo a tempo inteiro, conta já com várias fotografias e histórias publicadas em revistas e livros, assim como várias exposições.

Classificando-se como um "fotógrafo de pessoas", diz já ter ultrapassado a fase de "fotografar tudo o que meve". Atualmente trabalha por projetos, dando prioridade a ambientes e atividades humanas pouco conhecidos e explorados.

"Procura criar um documento que fique para a posteridade", explica o autor, numa visão partilhada por Dom Manuel Clemente, que alertou para "o risco que corremos de passar anos e décadas sem perceber o que é que temos por dentro. E isso não pode acontecer: em relação a este lugar, porque este é um lugar de elevada, de memória".

«Nomen», que significa "o nome" em latim, foi a designação escolhida pelo fotógrafo, não só porque era o nome de um dos noviços moçambicanos retratados no livro, mas porque o personifica a todos.

"Varatojo é nome prestigioso de terra e de gente, nome de pessoas, nome de convento e de instituições históricas e religiosas, que marcam profundamente a História de Portugal e da alma e fé do seu povo", escreveu o padre Vitor Meliães no prefácio da obra.